



## **Por uma etnomusicologia racializada: abordagens político-epistemológico-metodológicas**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL EM SIMPÓSIO TEMÁTICO (PRESENCIAL)

SUBÁREA: Etnomusicologia

*Acsa Braga Costa*  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
[acsabragac@gmail.com](mailto:acsabragac@gmail.com)

*Danilo Cunha de Jesus dos Santos*  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
[danilo.cunhads@live.com](mailto:danilo.cunhads@live.com)

*Leonardo Moraes Batista*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ  
Instituição  
[leonardomoraesbatista@gmail.com](mailto:leonardomoraesbatista@gmail.com)

*Thamara Collares do Nascimento*  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO  
[thamaracollares.nave@gmail.com](mailto:thamaracollares.nave@gmail.com)

*Victor Hugo Costa Cantuaria da Silva*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ  
[victorh.cantuaria@gmail.com](mailto:victorh.cantuaria@gmail.com)

**Resumo.** Esse texto apresenta pesquisa de doutorado em música, concluída em 2024, que teve como base um processo político-engajado e colaborativo-participativo, tomando dimensões político-epistemológico-metodológicas afroperspectivadas e dissidentes sexuais, para mergulhar no espaço-tempo do processo de sua construção. Para compor o percurso desta pesquisa, tomamos como praxis, abordagens desobedientes (ODARA, 2020) e contracoloniais (SANTOS, 2015) mediados pelo pensamento étnico-crítico-racial e dissidente sexual produzido intelectualmente por pessoas negras (MARTINS, 2021a; 2021b; GONZALEZ, 2021; EVARISTO, 2020), como processo de sutura para curar as dores e os traumas do racismo e do sexismo que insistem em persistir na contemporaneidade (KILOMBA, 2019). A pesquisa, desenvolvida em um festejo das juventudes negras e LGBTQIAPN+, apresentou como a música negra, nas suas diversas possibilidades de expressão e experienciadas pelos seus públicos negros e dissidentes sexuais, pode gerar senso de comunidade e acolhimento (NASCIMENTO, 2018), ativar pertencimento e respeito aos seus (NASCIMENTO, 2019) criar movimento e visibilidade

para sua comunidade (NASCIMENTO, 2018), dimensionada por valores civilizatórios (TRINDADE, 2005), olhando para ancestralidade atualizando-os na continuidade. A partir de nossas negrografias ativadas na festa, nos diálogos com pessoas interlocutoras foi possível compreender que as práticas sonoras negras praticadas, acionam, dinamizam, articulam pulsões de vida, para e com as juventudes negras e LGBTQIAPN+s.

**Palavras-chave.** Festa *BATEKOO*, Juventudes Negras, LGBTQIAPN+, Negrografia, Etnomusicologia Afroperspectivada.

**For a racialized ethnomusicology: political-epistemological-methodological approaches**

**Abstract.** This text presents doctoral research in music, completed in 2024, which was based on a political-engaged and collaborative-participatory process, taking political-epistemological-methodological dimensions from African perspectives and sexual dissidents, to delve into the space-time of the process of its construction. To compose the path of this research, we took as praxis, disobedient (ODARA, 2020) and countercolonial (SANTOS, 2015) approaches mediated by ethnic-critical-racial and sexual dissident thinking produced intellectually by black people (MARTINS, 2021a; 2021b; GONZALEZ, 2021; EVARISTO, 2020), as a suturing process to heal the pain and trauma of racism and sexism that persist in contemporary times (KILOMBA, 2019). The research, developed during a celebration of black and LGBTQIAPN+ youth, showed how black music, in its different possibilities of expression and experienced by its black audiences and sexual dissidents, can generate a sense of community and acceptance (NASCIMENTO, 2018), activate belonging and respect for their own (NASCIMENTO, 2019) create movement and visibility for their community (NASCIMENTO, 2018), dimensioned by civilizational values (TRINDADE, 2005), looking at ancestry updating them in continuity. From our Negroographies activated at the party, in dialogues with interlocutors, it was possible to understand that the black sound practices practiced activate, dynamize, articulate life drives, for and with black and LGBTQIAPN+ youth.

**Keywords.** *BATEKOO* Party, Black Youth, LGBTQIAPN+, Negrography, Afroperspective-Ethnomusicology.

## **Onde foi o espaço da pesquisa? Quem somos? Em que apostamos?**

Nós, juntas/os pesquisamos, praticamos enquanto festeiras/os e em alguns casos e tempos como trabalhadores a festa e outras ações da *BATEKOO*. Somos estilhaços diaspóricos que nos aquilombamos/acuírlombamos neste espaço de expressão de negritude, amplificação da sexualidade e pulsão de vida.

Este texto coletivo, debatido, vivenciado e escrito por nós pesquisadoras/es se utiliza de perspectivas engajado-colaborativo-participativas, e é mediado por movimentos político-epistemológico-metodológico afroperspectivados. Na construção da pesquisa concluída foram utilizados processos metodológicos com base na participação observante, a descrição negrográfica e a função dialógica enquanto caminhos sensíveis, que fizeram nossas

escrevivências dançar nossos corpos afrograr e nossos portugueses amplificarem o desejo de viver.

O que é a *BATEKOO*? É compreendida por nós, como uma plataforma de entretenimento, cultura e informação de/para juventude negra, urbana e LGBTQIAPN+ que, por meio da diversidade sonora, visual e corporal, em ato de construção e reconstrução de memórias individuais e coletivas, amplifica ações para o combate ao racismo, ao patriarcalismo, à LGBTQIAPN+fobia, à gordofobia e ao capacitismo<sup>1</sup>, contra padronizações, objetificações e estereotipações.

A *BATEKOO* possui três ações: a festa que reúne pessoas negras e LGBTQIAPN+ para bater o *KOO* ao som do batidão em seis cidades brasileiras (Salvador/BA, São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Recife/PE, Belo Horizonte/MG e Brasília/DF) e em expansão para outras cidades/estados; a *BATEKOO* Records que foca na produção fonográfica de artistas da música afrodiaspórica brasileira; e a ESCOLA B, que desenvolve programas educativos para as pessoas frequentadoras das ações e seguidoras das redes sociais da plataforma com foco nas variadas perspectivas artístico-culturais.

Destacamos que a pesquisa tratou de produzir uma noção etnomusicológica afroperspectivada, desde nossa compreensão, com base nas nossas experiências estético-sonoras-corpóreas-visuais da/na festa *BATEKOO*, enquanto corpos negros individual e coletivamente praticantes e protagonistas daquilo que experienciamos, escrevemos de forma íntima e dinamicamente sincera ao modo como vivenciamos essa festa.

As questões, inflexões e indagações que nortearam a pesquisa tinham como modos de operação a compreensão do como a música é centro das dinamizações dos diversificados processos. Como a experiência sonora na/da festa tem auxiliado a juventude negra e LGBTQIAPN+ romper com a estrutura do racismo e do sexismo? De que maneira as vivências estético-acústico-corpóreo-visuais têm promovido exercícios de emancipação, transgressão e libertação da juventude negra e LGBTQIAPN+ a partir da festa? Como as práticas musicais desse universo têm viabilizado o exercício da sexualidade para a juventude negra e LGBTQIAPN+? De que maneira a festa tem propiciado maneiras para que a juventude negra e LGBTQIAPN+ possa ser e tornar-se negra?

---

<sup>1</sup> “Passamos a adotar no Brasil a tradução de *ableism* para capacitismo na língua portuguesa, por duas razões principais: a primeira é a demanda de urgência para visibilizar uma forma peculiar de opressão contra as pessoas com deficiência e, por consequência, dar maior visibilidade social e política a este segmento; a segunda deriva do próprio postulado da teoria *crip*, ou seja, para desconstruir as fronteiras entre deficientes e não deficientes é necessário explorar os meandros da corponormatividade de nossa estrutura social ao dar nome a um tipo de discriminação que se materializa na forma de mecanismos de interdição e de controle biopolítico de corpos com base na premissa da (in)capacidade, ou seja, no que as pessoas com deficiência podem ou são capazes de ser e fazer” (MELLO, 2016, p. 3267).

Optamos nós pesquisadoras/es do Grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica, seguir por um caminho libertário e autônomo traçando novas perspectivas de caráter étnico crítico racial antissexista, sobre percurso adotado pela academia, que por meio de seus mecanismos impositivos na pesquisa, no ensino e na extensão, calcados na ação bancária, define historicamente quais são os dispositivos “corretos” de produção de conhecimento e que por meio destes, implícita e explicitamente, cerceiam o como fazer pesquisa, como desenvolver práticas pedagógicas e como aplicá-las na sociedade.

Nos esquivamos da neutralidade acadêmica, cunhada no projeto de branquitude, nós negras/os que somos e tomamos as resistências do quilombo apresentadas por Beatriz Nascimento, o percurso político do quilombismo proposto por Abdias Nascimento e o vetor cuíerlombismo como política afetiva palavreira, como mapas metodológicos que orientaram os nossos caminhos, na condução da discussão afrossônica que defendemos na pesquisa.

Entre convergências e divergências nas encruzilhadas do nosso aquilombamento/cuíerlombamento, realizamos estudos individuais e coletivos, orientados por escolhas epistemológicas que guiam nossas construções de conhecimentos. Pois, como filhas/os das ações afirmativas, levamos para a universidade novos saberes e novas categorias de análises, capazes de produzir conhecimentos que tecem deslocamentos das leituras de mundo brancas, cisheteronormativas centro-europeias e norte-americanizadas, em sua maioria, utilizadas nos programas de formação de pesquisadoras e pesquisadores.

### **Por etnomusicologias racializadas**

Em nossa visão, a etnomusicologia é uma área da música que possui amplo interesse em como as pessoas lidam, praticam, fazem e se relacionam com a música. Utiliza-se de diversificadas abordagens e práticas de pesquisas, impulsionadas por reflexões críticas e políticas, dialógicas ao espaço-tempo em que se desenvolve a ação ou a pesquisa. Por esse sentido, compreendemos que etnomusicologias no plural, desenvolvidas por pessoas, dinamizam a multiplicidade de caminhos metodológicos e epistemológicos que fazem essa área se expandir, reinventar e reestruturar.

Compreendemos que a produção de conhecimento da etnomusicologia se deu sob a base da expropriação e da apropriação de saberes e conhecimentos das expressões sonoras de outras culturas fora da Europa e dos Estados Unidos, inicialmente dizendo. Este exercício foi comandado principalmente por homens brancos, possivelmente héteros e privilegiados da herança colonial de seus eixos colonizadores. É fato da colonização epistêmica do/no mundo.

Diante do histórico de apagamento, silenciamento e aniquilamento dos saberes e conhecimentos do povo negro, a pesquisa se comprometeu resistente e desobediente ao escopo das práticas e táticas metodológicas e epistemológicas que tentaram e ainda tentam persistir no exercício colonial sobre nossos saberes e corpos.

Ao compreendermos o violento passado das pessoas que foram trazidas para esta terra, antes chamada de *Pindorama* pelos indígenas (nome dado pelos colonizadores) – que aqui viviam antes do extenso e secular processo de extermínio em detrimento da expansão colonial e capital nas américas –, verificamos em nosso processo de pesquisa que era necessário olharmos para esse passado, para construirmos um futuro, no qual a condição social do povo preto seja outra.

Caminhando na linha do constante grito “Parem de nos matar!”, a pesquisa foi desenvolvida por pessoas negras que estão envolvidas com a dinâmica de um espaço civilizatório de/para pessoas negras: a festa. Para seguir além do beligerante percurso colonial do confinamento acadêmico, utilizamos na pesquisa os pensamentos afroatlânticos e afrodiaspóricos para pautar questões epistemológicas, construir abordagens metodológicas e assim desenvolver uma pesquisa engajada, participativa e politicamente comprometida com as nossas vozes, as vozes dos nossos e junto dos saberes e conhecimentos que produzimos, como compromisso ancestral e com o futuro. Ao falarmos de espaço civilizatório, referimo-nos diretamente ao que nos aponta Azoilda Trindade (2005)<sup>2</sup>, desde seu trabalho educativo.

Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. (TRINDADE, 2005, p. 30)

Azoilda nos ensina que espaços como o que pesquisamos, são propícios para ativar junto aos seus praticantes a afirmação da identidade afro-brasileira, a partir de princípios centrados na diversidade e na pluralidade. Pautados por vetores como axé, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade e cooperatividade, essa pesquisa articula o como e de que maneira, dentro de uma experiência sonora, corpórea e

---

<sup>2</sup> Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou de certas formas, afrodescendentes. E, em especial, somos o segundo país do mundo em população negra (TRINDADE, 2005, p. 30).

visual essas podem estar sendo ativados em conjuntos com outros criativos valores praticados pela plataforma.

Com o passar dos anos e com a conjuntura efetivada na/pela luta dos movimentos sociais por mudança estrutural no esquema racista e sexista no sistema de ensino na educação básica e no ensino superior, é possível perceber que políticas de reparação histórica vêm sendo implementadas e modificando institucionalmente a cor das pessoas que acessam a educação pública brasileira. Mesmo que a passos lentos e largos por parte da estrutura racial no Brasil, em nossa visão, esse processo tem corroborado e reverberado a multiplicidade de produções de pesquisas em que o caráter étnico-crítico-racial é insumo central na produção de conhecimento desenvolvida por pesquisadoras/es negras/os.

Com Nilma Lino Gomes aprendemos desarrumar, subverter, romper e emplacar fissuras e ranhuras no bloco academia, que é feito por pessoas brancas, que impôs ao grupo de pesquisa, a demanda por sagacidade do dribble e a sapiência da ginga, para imprimirmos neste espaço, que é nosso por direito, nossos saberes e conhecimentos.

Um dos maiores desafios do intelectual negro que assim se posiciona talvez seja a sua capacidade e coragem de romper com as estruturas opressoras, de construir novas categorias analíticas e literárias através da criação. Isso o impele a não somente incorporar a língua e as categorias colonizadoras ou hegemônicas, mas problematizá-las e apontar os seus limites. Com essa atitude, o intelectual negro assume a sua própria voz, a sua fala, a sua cultura e a do seu grupo étnico-racial. Significa ser contra-hegemônico nas ciências numa tensão relação de inclusão-excludente, a fim de explicitar a pluralidade interna dessa mesma ciência e não a sua homogeneidade. Ele não é um porta-voz, mas um sujeito que explicita o seu pertencimento a um grupo historicamente excluído do lugar de produtor da ciência e que carrega esse mesmo grupo na sua voz, no seu corpo, na sua forma de ler, interpretar e produzir conhecimento. (GOMES, 2010, p. 503)

Questionar e verificar os traços do insistente colonialismo é necessário. Estranhar o que foi colonialmente contado é necessário. O perigo de uma única história contada, como sinaliza Chimamanda Adichie (2019), produziu e ainda pode produzir inferiorização, subalternização e coisificação do outro e logo de suas sociedades, grupos e etnias. A história sobre as sociedades geograficamente fora do eixo colonizador, estudada, dissecada e pesquisada por grupos privilegiados, auxiliou a colocar as experiências sonoras e vivências culturais de pessoas e/ou grupos do África, Ásia, Oceania e das Américas em um certo lugar de inferioridade em relação à compreensão de música ocidental.

No ato de aniquilação das vozes daquelas/es que praticam cotidianamente uma determinada ênfase racista, cujo atravessamentos sociais, políticos, culturais conferem à experiência, diante do pensamento moderno/colonial da branquitude, cosmopercepções são

excluídas, cabendo somente nas pesquisas produzidas por estas pessoas, análises e teorias constituídas a partir de etnografias imbuídas de saber eurocêntrico como norma, legitimando, na produção de conhecimento, uma monoepistemologia metodológica, o que torna pobre uma possível compreensão mais expendida da experiência, considerando por exemplo que “os elementos estruturais de uma crença não podem ser modificados para se adequar a padrões de outrem” (WILLIAM, 2019, p. 39).

Na caminhada da herança do privilégio colonial branco, destacamos como exemplo dos vetores até aqui pautados, as interpretações sonoras de diversificadas culturas de África, em que decanas/os tornaram-se especialistas das experiências significativas das sociedades pesquisadas pautando no campo da etnomusicologia conhecimentos e saberes sem um processo de envolvimento da parte dos protagonistas das práxis sonoro-culturais. Estas questões têm sido discutidas por autoras/es africanas/os e de outras diásporas que demonstram a necessidade de uma expansão dos debates político-epistemológicos produzidos e dos desenhos metodológicos utilizados sem seus processos de pesquisa, enquanto protagonistas, pois, apontam uma dinâmica antiviolência aos status que legitimam a égide da etnomusicologia.

Talvez pudéssemos intitular esta etnomusicologia que aqui escrevivenciamos como musicologia afroperspectivada, ao modo como discutem e refletem algumas autoras/res africanas/os e afrodiaspóricas/os que tivemos oportunidade de nos aproximar na pesquisa (MAPAYA; MUGOVHANI, 2020; NZEWI, 2020; MUKUNA, 2008) cremos que poderíamos contribuir para as discussões em torno do prefixo “*etno*”, mas, temos interesse em pensar, compor, ativar o debate sobre etnomusicologias. Compreendemos que esta é uma discussão que tem sido travada e mediada por pessoas que tiveram suas produções sonoro-culturais expropriadas e apropriadas, no âmbito das associações internacionais e nacionais de etnomusicologia e musicologia (que dialogam com a profusão sonora do mundo) e tem tomado volume com o passar dos anos.

É verificável que a etnomusicologia, campo que estamos inseridos, tem sido amplamente atravessada por estas discussões, alterações, modificações, principalmente quando pessoas como nós, atentas ao percurso colonial da música, tecem em suas pesquisas, fundamentos atravessados por perspectivas antirracistas e antissexistas sedimentadas no âmbito das singularidades e sentidos do povo preto e dissidentes sexuais.

É necessário que o campo da pesquisa em música, como um todo, reconheça os negrocídios existentes nas práticas de produção de conhecimento, intrínsecos à modernidade, rompendo com a colonialidade e buscando promover ações contracoloniais, assumindo o

compromisso epistêmico para a erradicação do colonialismo acadêmico que estruturalmente institucionalizado se atualizando nas produções de conhecimento.

Como as discussões sobre musicologias, etnomusicologias, musicologias africanas apresentam distinções e reivindicações, fica para nós, pessoas negras e residentes no Brasil que é sedimentado pela institucionalização do racismo, o entendimento de movimentar-se por meio da ginga e do drible nas dimensões epistemológicas e metodológicas é condição *sine qua non* na produção de conhecimento.

Neste sentido compreendemos que pensar em etnomusicologias politicamente racializadas perpassa por questões que desvelam caminhos contracoloniais em diversos sentidos, tal qual temos proposto como debate até aqui, em que o protagonismo das pesquisas, ações e produções etnomusicológicas estejam nas mãos de seus protagonistas nas instâncias político-geográficas em que estão inseridos e se não o estiverem, as pesquisas que desenvolvem fora de casa ou dentro de casa sobre um outro universo que não seja o seu enquanto pesquisador, que possam ser encontradas possíveis maneiras, modos e caminhos para que as pessoas protagonistas de uma determinada manifestação cultural sejam partícipes da composição e divulgação científica em todos os seus extratos, principalmente na partilha de bens, aquisições e conquistas.

### **Uma etnomusicologia afroperspectivada e dissidente sexual**

A etnomusicologia afroperspectivada que defendemos na pesquisa de doutorado utiliza dos avanços nas/das discussões no campo das etnomusicologias produzidas no Brasil, em outros países da diáspora, da América Latina e no campo das musicologias produzidas nos países de África em universos urbanos, relacionando-se com as experiências sonoras da festa, denunciando ao mesmo tempo o racismo e o sexismo, em suas diversas facetas, insistente em persistir.

Por assim dizer, uma etnomusicologia afroperspectivada, ao nosso modo de compreender e praticar, leva em consideração a experiência negra da pessoa negra no seu cotidiano centrada na negrura, tomando as vivências com a música, no corpo e na subjetividade, como mola propulsora de produção de sentidos, significados e singularidades individuais e coletivas, nesta encruza produzida por nós cinco e demais pessoas atravessantes no decorrer da construção desta pesquisa.

Nós realizamos uma negrografia (conceito nosso) mediada por entrevistas semiestruturadas com as/os praticantes das festas (festeiras/os e trabalhadoras/es), participação observante e produção de material (fotos, vídeos, podcasts), entre outros

percursos que o campo e as pessoas nos apresentarem para produzir conhecimento enfatizando as relações que se dão nas práticas e expressões sonoras da festa e em destaque no como as pessoas experienciam estas sonoridades, produzem sentidos e se colocam no mundo, por meio da festa.

Nosso escutar, olhar, compreender e viver, nesta pesquisa, que lida com a negrografia das práticas sonoras da festa *BATEKOO*, tem atenção no gênero musical que é fortemente demarcado na cidade do Rio de Janeiro: o *funk* carioca, em especial o 150 BPM. Ritmo “louco”, como é conhecido nas pistas cariocas, configura uma sonoridade mais acelerada e dialógica com a juventude que é rápida no drible na ginga e sagaz nos corres do cotidiano, em que viver é o rolê certo. “É som de preto, de favelado e quando toca ninguém fica parado”, já mandavam o papo reto os MCs Amilcka e Chocolate. Na festa, que acontece na cidade bela e bélica, o funk carioca junto a outros gêneros musicais negros e tem sido elemento de lacração dos corpos negros, bixas, lésbicos, héteros, travestis, transsexuais, com deficiência, no qual a bateção de *KOO* reafirma a possibilidade de existência. Aqui neste QR Code temos o acesso à música dos MCs:



**Música 1:** É som de preto de favelado e ninguém fica parado.<sup>3</sup>

A juventude negra e LGBTQIAPN+ brasileira tem se articulado em espaços civilizatórios, compreendidos como movimentos negros, retomando, nesse percurso, o exercício quilombista/cúierlombista como enfrentamento resiliente ao racismo e a LGBTQIAPN+fobia. Esse mesmo grupo social tem repolitizado a ideia de raça na contemporaneidade colocando em xeque e em choque as estruturas permanentemente demarcadas no âmago da sociedade brasileira, que insiste em um percurso de discriminação e de desigualdade racial institucionalizado pelo pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2022).

Nas pulsantes batidas da quebrada por meio de suas melodias do caos, essa juventude negra e LGBTQIAPN+, que é plural, dribla a institucionalização do racismo e do sexismo nas suas diversificadas formas e, por meio de fissuras e brechas, atravessam a

<sup>3</sup> YOUTUBE. **Som de Preto – Amilcka e Chocolate – Vídeo Oficial**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4aai7Bj2NY>. Acesso em: 27 abr. 2022.

dinâmica da atual política de eugenia no Brasil: o extermínio da população jovem negra e LGBTQIAPN+ (GOMES; LABORNE, 2018).

A partir de uma afroperspectividade vivida e reafirmada em diversificadas instâncias, essa juventude negra, composta por lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais e não binários e o que (+) as pessoas querem ser, além de demarcações aqui postas (LGBTQIAPN+), nós pesquisadoras/es amplificamos nossas escutas de forma ativa e atenta nesse processo de pesquisa viva. Atentas/os à subversão das lógicas que alicerçam as estruturas do racismo, construções da concepção de gênero e sexualidade fundamentadas na violenta ideia do cisheteropatriarcalismo-burguês-cristão e interferências na discussão de classe, jovens negros e LGBTQIAPN+ têm reeducado a sociedade brasileira por meio de suas existências.

A juventude negra e LGBTQIAPN+ da qual aqui falamos é periférica em diversificados sentidos que são da ordem de raça, gênero, sexualidade, classe, territorialidade, pluralidade corpórea, entre outros vetores, que, em alguma instância, são acometidos pela negligência de políticas públicas por parte do Estado, que é responsável por fazer valer aspectos da Constituição Federal Brasileira de 1988, tais como: segurança, saúde, educação, cultura e demais garantias socialmente necessárias a um cidadão brasileiro. Esse bonde, que possui um tempo *outro*, problematiza cotidianamente os limites impostos à sua existência e de forma disruptiva, enfrenta os ditames da dinâmica necropolítica que lhe/nos persegue (MBEMBE, 2018).

Necropolítica é um conceito desenvolvido pelo filósofo Achille Mbembe (2018), que significa toda a cultura de extermínio praticada contra determinados povos na política contemporânea. A necropolítica é a manifestação basilar do biopoder e a percepção racializada desse contexto, onde as políticas públicas são pautadas a partir do necropoder, ou seja, o poder de definir sobre a morte de seres humanos. Essa submissão se aplica através de maneiras legais e extrajudiciais, materializando hierarquias que distinguem os mortos dos vivos segundo políticas de alteridade.

No caso das nações africanas no final do século XX, milícias urbanas, exércitos regulares, seguranças privados e exércitos regionais disputam o monopólio da morte que é leiloados pelo sistema capitalista de forma consentida pelo Estado. No exemplo brasileiro, são principalmente as forças policiais de segurança pública do Estado que detêm o necropoder e executam de forma sumária sentenças de morte diárias nas favelas e periferias brasileiras, sendo a juventude negra o alvo dessa incursão necrófila racista.

Em relação às necrofilias racistas do Estado, propomos uma negropolítica na qualidade de enfrentamento à política de morte que persiste sobre as vidas das pessoas negras. Assim, negropolítica, para nós, trata-se de um conjunto de práticas antimorte em que a racialização dos corpos é escopo central da destituição das heranças coloniais que possibilitaram construir ideias de quem pode viver e quem deve morrer.

Negropolítica é uma mobilização em modo de ação política de enfrentamento ao racismo agenciado por reflexões ativas de caráter étnico crítico racial em que o ativismo tático e estratégico se faz necessário enquanto mecanismo de intervenção contra as formas que o Estado tem se utilizado para ceifar as vidas das pessoas negras. Negropolítica, em nossa visão, é política de vida construída pelas pessoas negras enquanto intervenção radical, inflexão social e produção de práticas e experiências que destituam o racismo, que é máquina de moer vida de pessoas negras.

Desse modo, buscamos desenvolver uma etnomusicologia mediada por nossas cosmopercepções (OYEWÙMÍ, 2021) a partir das discussões político-epistemológico-metodológicas do campo, aberto aos saberes, aos conhecimentos e às experiências, produzidos pelas pessoas que são/foram inferiorizadas, subalternizadas, silenciadas e invisibilizadas pela estrutura racista e LGBTQIAPN+fóbica. Ou seja, buscaremos contar uma história *outra* (ADICHIE, 2019), desenvolver uma etnomusicologia *outra*.

Movimentadas/os pela pedagogia da desobediência (ODARA, 2020), apostamos em um ato de confluência contracolonial (SANTOS, 2015) atravessado por ontologias ancestrais e tecnologias de continuidade, como um referencial teórico étnico, crítico e racial no decorrer deste trabalho, como categoria analítica para compreendermos como a juventude negra e LGBTQIAPN+ experiencia e vivencia o universo da práxis sonora na festa *BATEKOO*.

Estamos falando de uma pesquisa etnomusicológica alimentada por um *bori* político-epistemológico-metodológico de negros, com negros, por negros e para nós negros e interessados no debate que travamos nesta tese, em que o pensamento negro intelectual africano e afrodiaspórico pode nos auxiliar na construção de um pensamento subversivo, disruptivo e pluriepistemicamente afroperspectivado contra ao racismo epistemológico (NOGUERA, 2014).

Metodologicamente, recorreremos aos conceitos do campo da etnomusicologia que compreendemos ser dialógicos em relação aos debates destacados nesta tese, para pensarmos as questões negrográficas da festa, principalmente no que concerne ao escopo metodológico da pesquisa, que atua em ato desobediente às estruturas acadêmicas. Isso se deu,

primeiramente, por produzir um trabalho coletivamente engajado e colaborativamente participante com pessoas negras e, em segundo lugar, afroperspectivada, cujo exercício democrático, dialógico e contracolonial se fizeram presentes.

Por meio de uma pegada afroperspectivada e além-epistemicídio, recorremos ao conceito de quilombismo de Beatriz Nascimento (2018, 2021), Abdias Nascimento (2009, 2019) e ao conceito de queerlombismo/cuíerlombismo de Tatiana Nascimento (2018, 2019) como fundamento e inflexão ética para articular os caminhos, as abordagens e os percursos metodológicos e epistemológicos da pesquisa, visto que nossas práticas equânimes e horizontais são plurais e comunitárias.

A etnomusicologia em que acreditamos, e buscamos fazer, é conectada aos nossos corpos, mentes, sexualidades, memórias, sentidos, imaginários, espiritualidade e vivências cotidianas das nossas vidas. A etnomusicologia que fizemos não separa, não hierarquiza, não é neutra, não é cartesiana e nem muito menos separatista, pelo contrário, a nossa etnomusicologia é uma “conceituação negro-fundamentada da e desde a negritude diaspórica dissidente-sexual” (NASCIMENTO, 2018b, p. 1). Assumimos um percurso de pesquisa que tem a contracolonialidade, mediadas pelo pensamento negro intelectual produzido nas diversificadas ações, organizações e instituições que compõem o movimento negro nas relações entre África e suas diásporas.

Nem sempre os instrumentais metodológicos e as tradicionais categorias de análise construídas sob a égide da lógica da racionalidade ocidental moderna dão conta de interpretar a complexidade de expressões e vivências afro-brasileiras. Tal situação impele esse grupo de intelectuais a conhecer o cânone e as teorizações sobre as relações raciais por ele já realizadas e produzir outros conhecimentos, teoria e metodologias que possibilitem um outro tipo de análise mais aprofundada sobre a complexidade da dimensão étnico-racial brasileira e latino-americana sob o ponto de vista dos próprios negros. (GOMES, 2010, p. 510)

Mediados por um percurso civilizatório (TRINDADE, 2005) fundado em uma dimensão afroperspectivada, este trabalho, que discute questões relacionadas ao diálogo entre experiência sonora, juventude negra e LGBTQIAPN+ e suas dimensões de intersecção, dentro de um campo de pesquisa no Brasil, que tem como marca o ativismo enquanto interferência nas dinâmicas da sociedade, destacamos como protagonistas que ação política da nossa pesquisa, forjada no pensamento negro intelectual, é um ato antirracista, pois compreendemos com Antônio Bispo dos Santos (2015), que o que fazemos com esta pesquisa no presente, é que atuamos como interlocutores com o passado e então, conseqüentemente, como interlocutores do futuro.

Ao defendermos a ideia de etnomusicologias dos brasis, saindo do percurso singular e ativando o modo plural, compreendemos a gama de práticas e pesquisas que este campo de conhecimento é capaz de articular. Por ser um campo que é feito com/por/para pessoas (CAMBRIA; FONSECA; GUAZINA, 2016) verificamos uma possibilidade de falarmos por nós mesmos e com as nossas negras ciências, afirmando com a citação em destaque, que a “racionalidade ocidental”, aprisionada no ethos da branquitude, não dá conta da “complexidade” da construção dos conhecimentos de quem compreende que corpo e subjetividade são um só na égide do negro.

Por sermos um grupo plural, com formações distintas e processos de vida diversos, compreendemos com o passar do tempo, desde que, juntas/os estamos, que este quesito é um mix de potência e complexidade, o que confere a construção de um trabalho com vozes interdisciplinares. Com Renato Noguera (2014, 2015, 2016 *et al.*), partimos das nossas vivências individuais e coletivas na festa *BATEKOO*, em que as expressividades das pessoas praticantes deste babado são mergulhadas numa afrocentricidade estético-sonora-visual, expressão da sexualidade e atravessadas por signos e símbolos que possibilitam estar em um lugar possível de segurança.

A afroperspectiva é uma maneira de fazer filosofia que recusa a verticalidade edificada, ela nos convida a pensar em termos de horizontalidade, como é o caso do uso da roda como método. A roda é um projeto de construção colaborativa na qual tudo ocorre em espaços intersticiais, território de conflitos e negociações. (NOGUERA *et al.*, 2016, p. 284)

Nesta roda circulante de muitas vivências, nossos pontos de vista e as formas que nos inscrevemos no mundo fazem parte do bojo desta tese. Temos a certeza deste percurso negrograficamente etnomusicológico por entendermos que dentro de uma dimensão plural de construção de conhecimento, é possível coletivamente, enquanto tecnologia negro intelectual.

Guiadas/os por mapas, cartas e manifestos afroatlânticos temos a certeza de que esta pesquisa que produzimos, se relaciona com processos de libertação do povo negro. Tecer inflexões sedimentadas no pensamento negro intelectual enquanto uma perspectiva contracolonial (SANTOS, 2015), é junto com mais um monte de negros, em diversificadas ações, fazer estancar o sangue da ferida que nunca foi tratada no Brasil e que sangra todo santo dia: o colonialismo. Distante dos privilégios que competem ao mundo monoepistemológico, escolhemos nós, combater o racismo epistemológico.

O racismo epistêmico ou epistemológico é uma das dimensões mais perniciosas da discriminação étnico-racial negativa. Em linhas gerais, significa a recusa em reconhecer que a produção de conhecimento de algumas pessoas seja válida por duas razões: 1º) Porque não são brancas; 2º) Porque as pesquisas e resultados da



produção de conhecimento envolvem repertório e cânones que não são ocidentais. Penso que a disputa para derrotar, ainda que parcialmente, o racismo epistemológico está no esforço por diversificar as leituras. Combater a injustiça cognitiva começa por deixarmos de privilegiar os modelos epistemológicos ocidentais (NOGUERA, 2015, p. 4).

Em diálogo com Renato Noguera (2014, 2015, 2016 *et al.*) e com Mapaya (2018) e Madimabe Mapaya e Ndwanato Mughovani (2018, 2020), percebemos que para desenvolver uma tese de doutorado etnomusicológica afroperspectivada necessitava de ampla atenção com as astúcias do racismo. Devido ao fato de a academia ser dominada por culturas das oligarquias do poder estruturalmente racista, em que a voz das autoridades sempre são destas culturas coloniais, foi necessário que nós, pessoas negras, utilizássemos das nossas ferramentas banhadas neste afroatlântico como propriedade intelectual, para não cairmos nas invenções eurocêntricas hegemônicas moldadas dentro do discurso acadêmico.

Ao rompermos com aquilo que um dia nos contaram nas nossas aulas de história na escola de educação básica ou nos canais comunicação e difusão, sobre o quilombo ser um espaço de “negro fujão”, com Maria Beatriz Nascimento, nós pesquisadoras/es, aprendemos outros modos de articulação, proteção e relação com os modos de vida ceifados no percurso constituinte da escravização

Por assim dizer, compreendemos e afirmamos ser uma etnomusicologia afroperspectivada, aquela que ativa os sentidos político-epistemológico-metodológicos produzidos por etnomusicólogas/os desde as suas experiências centradas na experiência de ser negro ativando ações e práticas contracoloniais (SANTOS, 2015). Trata-se de uma encruzilhada de cosmopercepções (OYEWUMÍ, 2021) que prospectam atos de desobediência ao conhecimento universalizado pautando conhecimentos *outros*.

### **Considerações para continuidade**

Tomando posse da nossa capacidade de luta enquanto povo negro, esta pesquisa, além da realização de um debate político-epistemológico-metodológico na negrografia das práticas musicais da *BATEKOO*, a pesquisa esteve comprometida com: (a) criar uma rede de intercâmbio e partilha de conhecimentos entre pessoas negras e não negras por meio da produção e difusão de estudos sobre as questões étnico, crítico e raciais a partir dos ensejos da etnomusicologia afroperspectivada engajado-colaborativa e político-participativa; (b) formar novas pesquisadoras e novos pesquisadores capazes de intervir ativamente na dinâmica da produção de conhecimento da academia que ainda é colonizada, tomando como discussão político-epistemológica a produção acumulada no campo da etnomusicologia desde um viés

emancipatório, transgressor e libertário; (c) produzir conceitos, metodologias, tecnologias e práticas sociais voltadas para “desnaturalização” da perspectiva hegemônica no que diz respeito aos outros universos de práticas sonoras, reconhecendo os saberes e conhecimentos sônicos africanos e afrodiáspóricos enquanto inflexão nesta produção; (d) produzir e difundir novas formas de percepção e conhecimentos sobre a juventude negra urbana, periférica e LGBTQIAPN+, a partir de suas práticas estético-sonoro-visual-corpóreas; (e) mobilizar diferentes sujeitos e redes de conhecimento para a construção de estudos e propostas de intervenção nos territórios em que a festa acontece.

Tomando posse desta perspectiva interdisciplinar, destacamos que a construção deste trabalho, se deu em um movimento afroperspectivado, por ser necessário que nós, as/os pesquisadoras/es, abarcados de toda diferença que carregamos em nossos corpos e subjetividades tivéssemos uma escuta atenta, ativa e expandida, para que, democraticamente pudéssemos desenvolver os modos de escrita coletiva que cunhamos dentro de um corpo quilombista/cuíerlombista, em nossa pesquisa etnomusicológica.

Nossa etnomusicologia se desenvolveu em um engajamento comunitário de produção de conhecimento como um instrumento indagativo à universalidade branca, sexista, elitista e racista, em detrimento de uma perspectiva que está centrada na pluriversalidade do pensamento-ação afrodiáspórico e dissidente sexual.

Ao tomarmos uma dinâmica afroperspectivada como ponto central na metodologia de nossa pesquisa, em que o movimento quilombista/cuíerlombista, as afrografias do/no corpo, os pretugueses praticados por nós e pelos nossos pares escrevíveis na pesquisa com música negra, buscamos demonstrar que esta construção, quando vivida na vida, promove práticas de transgressão, emancipação e libertação.

Caminhando para o fim desse texto, é necessário sinalizar que a pesquisa nasce em 2018 e em meio a alguns marcadores que compreendemos serem pontos de destaque, pois atravessam diretamente nossas vidas. Nasce após os 130 anos do fim da escravidão brasileira, nos 40 anos de comemoração do MNU, nos 15 anos da promulgação da Lei nº 10.639/2003 e nos 10 anos da Lei nº 11.645/2008.

Dito isso, sinalizamos que esta pesquisa foi e é possível de ser desenvolvida porque toda luta dos movimentos das pessoas negras e LGBTQIAPN+s, que vieram antes de nós, criaram práticas antirracistas e antiLGBTQIAPN+fóbicas capazes de mudança na dinâmica social. cremos que, para realizar uma pesquisa deste porte dentro da academia, muita luta foi travada e continuará sendo, pois nós estamos implicados neste *close*.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAWU, Kofi; PADOVANI, José Henrique. O tonalismo como força colonizadora na África. **Revista Vórtex**, [S. l.], v. 9, n. 1, mai. 2021. ISSN 2317-9937. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/4191>. Acesso em: 1 jul. 2024.

BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58. Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2024.

CAMBRIA, Vincenzo; FONSECA, Edilberto; GUAZINA, Laize. “Com as pessoas”: reflexões sobre colaboração e perspectivas de pesquisa participativa na etnomusicologia brasileira. In: LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira de (Orgs.). **Etnomusicologia no Brasil**. Salvador, BA: UFBA, 2016. p. 21-45.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: **Escrivivência: a escrita de nós: reflexos sobre a obra de Conceição Evaristo**. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexos sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988. Disponível em: <https://institutoodara.org.br/wp-content/uploads/2019/09/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Flávia Rio, Márcia Lima (Org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e a produção de conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da Crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, e197406, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MAPAYA, Madimabe G. Dipsticking the Study of Indigenous African Music from the John Blacking Era into the 21st Century. *In*: MAPAYA, Madimabe G.; MUGOVHANI, Ndwamato G. (Orgs.). **John Blacking and Contemporary African Musicology**: reflections, reviews, analyses and prospects. Cidade do Cabo: Centre for Advanced Studies of African Societies, 2018. 113–128.

MAPAYA, Madimabe G. Ordinary African Musicology: An Africa-sensed Music Epistemology. *In*: MAPAYA, Madimabe G.; MUGOVHANI, Ndwamato G. (Orgs.). **John Blacking and Contemporary African Musicology**: reflections, reviews, analyses and prospects. Cidade do Cabo: Centre for Advanced Studies of African Societies, 2018. 25-42.

MAPAYA, Madimabe G.; MUGOVHANI, Ndwamato G. Musicologia Comum Africana: Uma Epistemologia Musical de Perspectiva Africana. **Revista Claves**, v. 9, n. 14, p. 81-100, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/57541>. Acesso em: 1 jul. 2024.

MARTINS, Leda Maria. Oralitura da memória. *In*: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Brasil afrobrasileiro**. 2a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Revista Letras**, n. 26, p. 63-81, jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em: 1 jul. 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Oralitura da memória**. *In*: FONSECA, M. N. S. (Org.). **Brasil afrobrasileiro**. 2a ed., rev. e atual. São Paulo: Perspectivas; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021a.

MARTINS, Leda Maria. “A oralitura da memória”. *In*: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **“Brasil afro-brasileiro”**. 3ed. Belo Horizonte, 2010.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021b.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1, 2018.

MUKUNA, Kazadi wa. Sobre a busca da verdade na etnomusicologia. **Revista USP**, [S. l.], n. 77, p. 12-23, 2008. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i77p12-23. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13653>. Acesso em: 1 jul. 2024.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Africentricidade**: uma abordagem inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira:4)

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. I reimpre. da 2a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 3a ed. Ver. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Historiografia do Quilombo*. 1977. In: NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e Intelectual**: Possibilidades nos dias da destruição. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Historiografia do Quilombo*. In: NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual**: possibilidades nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018a.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Alex Ratts (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Tatiana. Da palavra queerlombo ao cuíerlombo da palavra. **Palavra, preta**, [s. l.]. 2018b. Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>. Acesso em: 1 jul. 2024.

NASCIMENTO, Tatiana. **Cuírlombismo Literário**: poesia negra LGBTQI desorbitando o paradigma da dor. São Paulo: N-1 Edições, 2019. (Série Pandemia).

NKETIA, K. Entrevista a Ricardo Tacuchian. **Revista Música**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 141-144, 1991. DOI: 10.11606/rm.v2i2.55031. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/55031>. Acesso em: 2 mar. 2022.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

NOGUERA, Renato. Sambando para não sambar: afroperspectivas filosóficas sobre a musicidade do samba e a origem da filosofia. In: SILVA, Wallace Lopes (org.). **Sambo, logo penso**: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba. 1. ed. Rio de Janeiro: Hexis: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

NOGUERA, Renato; SILVA, Wallace Lopes; MORAES, Marcelo J. D. A fazenda. 13 de maio e seus espectros: racismo e resistência em afroperspectiva. In: SILVEIRA, Ronie Alexandro Teles da (Org.). **A Fazenda e a filosofia**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

NZEWI, Meki. **African music**: theoretical content and creative continuum: the culture-exponent's definitions. Inst. für Didaktik Populärer Musik, 1997.

NZEWI, Meki. Por uma musicologia “verdadeiramente” africana-brasileira: entrevista com Meki Nzwi. **Revista Claves**, v. 9, n. 14, p. 116-135, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/57543/32788>. Acesso em: 1 jul. 2024.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência**: travestilizando a educação. Salvador, BA: Editora Devires, 2020.

OLIVEIRA, Flávia. As voltas que o mundo dá. **Portal Geledés**, [s. l.], 22 abr. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-voltas-que-o-mundo-da/>. Acesso em: 1 jul. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.



**ANPPOM**  
Associação Nacional de Pesquisa e  
Pós-Graduação em Música

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Zahar, 2021.

TRINDADE, Azoilda Loreto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. *In: Valores afro-brasileiros na Educação.* Boletim 22, TV Escola/MEC, 2005. Disponível em: <https://culturamess.files.wordpress.com/2012/01/valoresafrobrasileiros.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2024.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

**XXXIV**  
**CONGRESSO DA**  
**ANPPOM**

MÚSICA E PESSOAS QUE VIVEM A MÚSICA:  
SUSTENTABILIDADE E PRÁXIS  
SALVADOR, 16 A 20 DE SETEMBRO DE 2024